

ANARQUISMO NO SÉCULO XIX: PROUDHON E BAKUNIN

Diego Alexandre Carneiro Martinez

Gustavo Felix dos Santos

O século XIX foi um século de profundas transformações, tanto no campo das ciências humanas quanto naturais. Dentre as coisas que se via a busca analisar uma outra, que nasceu neste conhecida na história

De origem grega, junção da palavra soberano) e o prefixo *an* que significa, portanto, governante, sem uma Normalmente, a palavra equivalente do caos e o



no campo das ciências inúmeras mudanças no sociedade, este trabalho ideologia, entre tantas século e que ficou como *anarquismo*.

a palavra anarquismo é a *archon* (governante, (que quer dizer sem) o viver sem um autoridade. é confundida como o anarquista é tomado

como um homem sem princípios, que é capaz de tudo, um terrorista insensato. É claro que dentre os anarquistas houve pessoas que acabaram realizando atos de violência, mas na maioria das vezes como uma reação, uma forma de protesto, e nunca com o ímpeto belicoso de alguns dos líderes militares do passado. Na verdade, é preciso, para uma melhor compreensão das idéias e atitudes que caracterizam o anarquismo, se livrar desta conotação pejorativa que o termo acabou por incorporar.

Na sua grande maioria, os anarquistas eram pessoas de elaborado princípio e que apesar das variações que existem dentro da própria concepção de anarquia, concordavam sobretudo na crença de que o Estado é ao mesmo tempo perigoso e desnecessário. Ou seja, o Estado é a fonte da maioria dos nossos problemas sociais e é possível, segundo eles, formas alternativas de organização voluntária. O anarquista é aquele que, acima de tudo, luta por criar uma sociedade sem governo, sem autoridade. É preciso ressaltar o fato de que ele não se põe contra a sociedade e sim enxerga que para um melhor funcionamento dessa entidade viva é preciso a abolição do Estado. Ele entende que qualquer forma de governo cria na sociedade uma estrutura na qual o poder flui de cima para baixo, numa espécie de pirâmide, ou seja, uma pequena parcela de indivíduos – a elite – controla e manipula a “base” da pirâmide – a grande maioria de trabalhadores, o proletariado. Outro ponto criticado é exatamente esse: o poder que vêm de cima, que é imposto, que usa da coerção para ser válido, afinal já era dito que “anarquia é ordem sem coerção”. Em outras palavras, os anarquistas buscavam ordem e liberdade para todos, sem exceção, mas nada imposto por outras pessoas e sim um processo natural que viria da disciplina própria de cada um e da cooperação voluntária, pois o essencial era isto: obedecer às leis da natureza do seu modo, ficando livre para viver em paz com seus companheiros. O homem não é naturalmente bom, mas naturalmente sociável, as instituições autoritárias é que desviam e atrofiam suas inclinações para a cooperação.

-PROUDHON



O autor da frase supracitada é aquele que ficou conhecido como o “pai” do anarquismo (entre outras coisas, como pai do socialismo científico, da economia política socialista, do sindicalismo revolucionário etc.): Pierre Joseph Proudhon, a primeira pessoa que aceita o “título” de anarquista.

Proudhon nasceu na França, em 1809, era autodidata e sua primeira ocupação foi de tipógrafo. Ele conhece bem as dificuldades da vida, pois passou muito tempo em busca de emprego e a própria tipografia que ele monta em sociedade fecha as portas rapidamente. Mais tarde, Proudhon resolve empreender um estudo sobre a

propriedade, pois, segundo o próprio, “era o que havia de mais antigo, mais respeitável, mais universal e menos controverso”. Ledo engano. Pouco depois ele percebe que a propriedade é uma idéia contraditória sob todos os ângulos e então escreve o que viria a se tornar um dos lemas do século XIX: “a propriedade é um roubo”, no livro *O Que é A Propriedade? Pesquisa sobre o Princípio do Direito e do Governo* publicado em 1840. Esse slogan relaciona e identifica o capitalismo e o governo como os dois maiores inimigos da liberdade. Para ele a única fonte legítima de propriedade é o trabalho. Tudo que uma pessoa produz é por direito dela e nada além disso o é. A partir desse momento Proudhon nega a propriedade, por conseguinte a autoridade e afirma que a verdadeira forma de governo é a anarquia.

O que ele defende é, então, que cada indivíduo tenha por direito a posse do meio de produção ou da terra através do uso da mesma, sendo sempre “vigiado” pela sociedade que regulamentaria e organizaria tal produção, desta forma regulando o mercado. Em outras palavras, ele era contra a propriedade estatal dos bens em favor à propriedade dos trabalhadores que passariam a se organizar em associações. O nome desse sistema econômico é *mutualismo* e por *mutualistas* ficaram conhecidos os discípulos de Pierre Joseph Proudhon. Já a contribuição de Proudhon na teorização de uma organização dos trabalhadores em associações foi o “berço” para o que viria a se tornar depois a *autogestão*. Apesar disso, Proudhon acreditava não ter criado um sistema, uma doutrina, pois o que era passível de discussão naquele momento assim o era pelas condições específicas da sociedade, ou seja, teorias políticas, assim como qualquer outra, estão em constante evolução, seus significados e formas mudam de acordo com as circunstâncias. Além disso, ele não acreditava em partidos políticos, e sim os condenava como “variações do absolutismo”; era a favor dos direitos de herança como “uma das fundações da família e da sociedade” desde que não se aplicasse aos

instrumentos de trabalho. Simplificadamente P. J. Proudhon queria: “o fim do privilégio, a abolição da escravatura, a igualdade de direitos, o reino da lei. Justiça, nada senão Justiça”.

Ele acreditava que todos os homens, por natureza, consideravam propriedade e roubo sinônimos; que igualdade de condições era igual à igualdade de direitos;

que toda proeminência social usurpada sob pretexto de superioridade de talento ou de serviço era uma iniquidade e pilhagem. Era preciso apenas fazê-los descobrir.



Proudhon e suas filhas

-BAKUNIN:



Seguindo essa linha de tentar apresentar alguns dos maiores expoentes do pensamento anarquista agora é a vez de Mikhail Aleksandrovitch Bakunin, nascido na Rússia em 1814, filho de uma família de origem nobre, que possuía muitas terras. Passou a juventude estudando filosofia e logo saiu da Rússia em direção a outros países da Europa como a França, onde conheceu Pierre Joseph Proudhon e Karl Marx.

Os livros de Proudhon são responsáveis pela infra-estrutura intelectual do movimento anarquista europeu, influenciando enormemente Mikhail Bakunin,

que viria a se tornar o maior ativista anarquista e que se referia à Proudhon como o “mestre de todos nós”.

Em 1868 Bakunin se filia à Associação Internacional dos Trabalhadores – mais conhecida com 1ª Internacional – que na verdade era uma aliança entre os socialistas europeus e também entre os operários de vários países (foi fundada em 1864, um ano antes da morte de Proudhon e lá Bakunin se torna um ponto de referência e um grande articulador dessas idéias na Itália e na Espanha. Dentro da 1ª Internacional podiam se encontrar socialistas, anarquistas de todas as formas, marxistas e até mesmo quem não seguia nenhuma dessas ideologias. Eram dois os objetivos desta entidade: garantir melhorias imediatas para a classe dos trabalhadores, através da união e cooperação dos operários de diferentes países; e funcionar como o “berço” da revolução social que era necessária – no entendimento dos integrantes da A. I. T. – para acabar com a dominação e exploração por parte da alta burguesia em relação ao proletariado. O que acontece

neste momento é que o conflito entre diferentes personalidades e ideologias dentro da Associação acaba por comprometer sua própria finalidade.



Bakunin num discurso da 1ª Internacional

É aí que as diferenças entre Marx e Bakunin se evidenciam, separando, dentro da própria 1ª Internacional, dois grupos distintos que divergem, sobretudo, no meio para se chegar ao fim: os socialistas “autoritários” – como costumavam se referir a eles os anarquistas - e os anarquistas libertários. Enquanto Marx consegue um controle sobre o Conselho Geral, que fica em Londres, e influencia principalmente países de origem germânica, Bakunin “lidera” os contingentes da Itália, Espanha e Suíça francesa. Seus debates nos

congressos da 1ª Internacional confrontavam os ideais marxistas, no qual o proletariado se ergueria na revolução política e social como uma classe dominante, e os ideais anarquistas, onde a organização econômica dos trabalhadores seria de acordo com a ocupação de cada um. Sintetizando o conflito: autoritários versus libertários; ação política versus ação industrial; ditadura do proletariado versus abolição total do poder do Estado. Essa era a principal diferença entre eles. Depois de anos de conflitos, Bakunin é afastado da 1ª Internacional – Marx e seus seguidores são os responsáveis – e monta junto a outros libertários seu próprio conselho, sua própria alternativa internacional na Europa (este conselho dura até 1877, enquanto que a 1ª Internacional até 1874).

Bakunin não acreditava em nenhuma forma de governo autoritário, condenava o sufrágio universal, pois segundo ele qualquer que fosse o representante do povo, este

nunca iria representar realmente a vontade popular, todo governante ao chegar ao poder só iria pensar em seus próprios interesses, eles estariam sempre numa posição acima do povo, como mestres e pupilos, e desta forma nunca haveria igualdade; ele apoiava a instrução integral e igual para todos, burgueses e proletários, como forma de igualar as condições de ambos; foi o “pai” do anarquismo coletivista, ou *coletivismo*, onde os trabalhadores administrariam seus meios de produção através de suas próprias associações numa tentativa de conseguir resultados mais expressivos do que o *mutualismo*; é terminantemente contra o sistema de herança; e, ainda como membro da 1ª Internacional, ele almejava “uma organização política, econômica e social na qual todo ser humano sem prejuízo das suas particularidades naturais e individuais encontre igual possibilidade de se desenvolver, instruir, pensar, trabalhar, agir e desfrutar a vida como um homem”.

Estes dois homens extremamente capazes e astutos conseguem propagar os ideais anarquistas por toda a Europa e pelo tempo. Tais ideais, que vêm desde pelo menos a Grécia Antiga e a China, locais onde já se perguntavam se o homem não viveria melhor sem um governante, e passam pelo tempo como na Renascença e a Reforma até as Revoluções Americana e Francesa. Em todos estes períodos e lugares as idéias anarquistas já se faziam presentes, embora não possuíssem ainda este nome. Sobre este assunto, Pierre Joseph Proudhon sabiamente argumentava que o homem busca seguir regras para uma mais rápida e mais perfeita satisfação de suas necessidades. Essas regras podem vir de seu pai, seu senhor, seu rei. Quanto mais ignorantes forem, mais obedientes serão. A partir do momento em que o homem busca conhecer as ordens de seu superior, através da reflexão e argumentação, significa que ele está questionando a autoridade e pode, então, seguir um caminho próprio, sem a interferência de ninguém. Outro argumento de Proudhon é o de que a própria sociedade faz suas leis da seguinte forma: a experiência cria hábitos, este cria costumes, estes se formulam em máximas, arranjam-se em princípios, traduzem-se em leis, às quais o Rei, a lei-viva, é obrigado a respeitar. Em outras palavras, o governante não é ele mesmo, mas o poder executivo de uma sociedade cujas leis se fizeram sem ele.

Este trabalho buscou esclarecer e realizar uma breve análise desta ideologia tão peculiar e contestada, apresentando dois de seus maiores expoentes – reconhecidamente os pilares de tal sistema de idéias e por isso foram escolhidos para melhor representá-la – procurando contribuir para uma melhor avaliação sobre tal tema, sempre alvo de inúmeras polêmicas e discussões.



BIBLIOGRAFIA:

-PROUDHON, Pierre Joseph, *A Propriedade é um Roubo e Outros Escritos Anarquistas*, Editora: L&PM Pocket, 2ª edição, notas de Daniel Guérin, tradução: Suely Bastos

-BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovitch, *O Socialismo Libertário*, Editora: Global, 2ª edição, 1979, tradução: Olinto Beckerman

-MALATESTA, Errico, *Anarquistas, Socialistas e Comunistas*, Editora Cortez, 1ª edição, tradução: Plínio Coelho

-WOODCOCK, George (editor), *The Anarchist Reader*, Fontana Original, 1983

-<http://cob-ait.net/index.php> – Site da Confederação Operária Brasileira

-WOODCOCK, George, *História das idéias e movimentos anarquistas* /George Woodcock; tradução de Júlia Tettamanzy. - Porto Alegre: L&PM, 2006.

-<http://www.farj.org> – Site da Federação Anarquista do Rio de Janeiro

-<http://www.wikipedia.com>